

Peemedebistas querem trocar candidato

RUY FABIANO

Ganha contornos de conspiração o movimento, dentro do PMDB, pela substituição da candidatura do deputado Ulysses Guimarães. A frente, dois governadores que não rezam pela mesma cartilha ideológica: o moderado Alvaro Dias, do Paraná, e o progressista Miguel Arraes, de Pernambuco. Ambos sustentam uma mesma tese, que encontra (quando encontra) escassos opositores dentro do partido: a candidatura Ulysses é inviável.

Há notórios constrangimentos em **puxar o tapete** do dr. Ulysses. Ele possui respeitabilidade pública, prestígio político, currículo e, mesmo, disposição física para enfrentar a campanha. O detalhe é que não possui votos. Mesmo à frente do principal partido brasileiro — e, certamente, um dos maiores entre as democracias ocidentais —, disputa a **lanterninha** da sucessão com nomes que nela figuram apenas por esporte (Aureliano Chaves, Ronaldo Calado, Roberto Freire Paulo Maluf etc.).

Ulysses acredita na vitória. E esse é apenas um dos principais problemas do PMDB. Se estivesse de posse de seu habitual juízo crítico, certamente não consideraria improcedentes os receios de seus correligionários. O governador Alvaro Dias, por exemplo, acha que Ulysses confia demais na máquina partidária, desprezando a singela circunstância de que esta é uma eleição solteira. E Miguel Arraes acha que ele precisa definir-se ideologicamente, para que o partido possa formular uma plataforma eleitoral consistente.

AMBÍGUO

O problema central da candidatura Ulysses é justamente esse: de identidade. Até o final da Constituinte — quando acumulava os cargos de presidente da Câmara e vice da República —, foi o político que mais mandou no governo Sarney. Indicou dezenas de ministros, vetou deci-

sões, teve a iniciativa de numerosas outras e, em toda a história republicana, foi o vice que mais vezes substituiu o titular —, ao todo, 19 vezes.

Desde o fiasco do Plano Cruzado, foi pressionado pela ala mais progressista do PMDB — que, hoje, em grande parte, está no PSDB — a romper ruidosamente com o governo. Não quis. Alegou riscos para o processo democrático, do qual se sentia um dos principais fiadores. Em consequência, foi perdendo apoios à esquerda, sem evitar o desgaste de sua imagem dentro do governo, na medida em que não continha as defecções dentro do partido.

Em resumo, ao adiar demasiadamente o rompimento com o governo, Ulysses preparava as dificuldades que sua candidatura hoje enfrenta. Como negar participação e corresponsabilidade no governo Sarney? Pior: como assumi-las e continuar candidato? Imaginou uma saída: ter como vice alguém mais à vontade para formular propostas ousadas e desancar o governo. Encontrou o personagem: o ex-governador Waldir Pires.

Waldir, de quebra, impediria novas defecções entre os progressistas, ficando a cargo de Ulysses pacificar os moderados.

E, aí, ambos demonstraram impressionante sintonia: falharam espetacularmente. Waldir, além de não exibir o carisma e a retórica que lhe eram atribuídos, mostrou-se um desastre em matéria de articulação política. Não aglutinou apoios à esquerda e, repetidas vezes, impediu que Ulysses o fizesse à direita.

Já na estréia, logo após a convenção, foi assim, ao declarar que os ministros do PMDB estavam proibidos de subir nos palanques da campanha. Seria simples tomar-se essa providência silenciosamente sem submeter ministros e partido a constrangimentos. Com isso, Waldir apenas conseguiu tornar mais difícil a missão da candidatura Ulysses: convencer a opinião pública de que nada

tem a ver com o governo e a crise que aí está.

APOIOS

Nessa teia de contradições, a candidatura do PMDB passou a defrontar-se com novo problema: falta de recursos. Sem empolgar a opinião pública — e, a rigor, sequer o próprio partido —, a candidatura Ulysses-Waldir não conseguiu sensibilizar personagens-chaves da geografia político-eleitoral brasileira. Entre outros, os empresários da Fiesp e o todo-poderoso dono da Rede Globo de Televisão, Roberto Marinho.

Tentar, ele tentou. Por exemplo, em fins de maio, foi procurar pessoalmente Roberto Marinho em sua residência do Cosme Velho, no Rio de Janeiro. Ali, já estivera diversas vezes — a maioria, a convite do próprio Marinho, ao tempo em que era a eminência parda do governo. Ao que se sabe, Marinho o recebeu cordialmente, escutou com paciência todas as projeções eleitorais de seu interlocutor, mas não exibiu qualquer sinal de entusiasmo. Foi, no dizer do próprio Ulysses, "gentil e polido", o que é uma maneira obliqua de dizer que foi indiferente.

Ulysses pediu concretamente apoio da mídia eletrônica. E sustentou a tese de sempre: a máquina partidária do PMDB acabaria garantindo a seu candidato, fosse ele quem fosse, passaporte para o segundo turno. E, no segundo turno, ele, Ulysses, seria invencível, pela abrangência de alianças que propiciaria.

E verdade. O detalhe é que, com uma média de cinco por cento nas pesquisas, a candidatura Ulysses corre o risco de sequer chegar ao primeiro turno.

O grande enigma em todo o processo é o governador de São Paulo, Orestes Quêrcia. Dele, Ulysses queixou-se por não engajar suficientemente a seção paulista do partido.